

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. "Reflexão etnográfica sobre processos de percepções e justificações morais e emocionais de condutas a partir de uma ação violenta entre amigos". *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 131-150, abril de 2020 ISSN 1676 8965.

ARTIGOS

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Reflexão etnográfica sobre processos de percepções e justificações morais e emocionais de condutas a partir de uma ação violenta entre amigos*

Ethnographic reflection on processes of moral and emotional perceptions and justifications of conduct based on violent action between friends

*Mauro Guilherme Pinheiro Koury
Raoni Borges Barbosa*

Recebido: 10.12.2019
Aceito: 16.01.2020

Resumo: Este artigo discute o assassinato de um jovem por outro, amigo de infância e vizinho, por motivo banal. Analisa a trajetória da vítima e da sua família até a cena do crime, sua morte e o curso seguinte para compreender os quadros morais de referência e prestações de conta dos atores na recomposição familiar da vítima, do agressor e de sua família para a manutenção e refinamento dos laços de vizinhança e amizade. Trajetória que confere sentido às práticas, suporta as pretensões e justificações e são significativas à apreensão do ato que levou ao crime e do empenho das famílias em apoiar o agressor. O artigo explora relações de amizade, ações violentas entre amigos, arrependimento, laços familiares, vizinhança, códigos emocionais e morais que permitem ao agressor remontar o episódio que levou à morte do 'melhor' amigo. Como o crime, no aspecto singular e extraordinário transmuta relações sociais e individuais? Que aspectos emocionais atuam e como se dá a remontagem da normalidade cotidiana, como luto, arrependimento e reconstrução de vínculos pessoais e sociais entre as famílias afetadas e o agressor? Como práticas e percepções morais trabalham no luto, arrependimento e perdão? **Palavras-chave:** cotidiano, violência banal, justificações, moralidade

Abstract: This article discusses the murder of one young man by another, childhood friend and neighbor, for banal reason. It analyzes the trajectory of the victim and his family to the crime scene, his death and the following course to understand the moral frames of reference and accountability of the actors in the family recomposition of the victim, the aggressor and his family for the maintenance and refinement of neighborhood and friendship ties. Trajectory that gives meaning to the practices, supports the pretensions and justifications and are significant to the apprehension of the act that led to the crime and the families' commitment to support the aggressor. It explores friendships, violent actions between friends, regret, family ties, neighborhood, and emotional and moral codes that allow the perpetrator to go back to the episode that led to the death of the best friend. How does crime, in its singular

*Trabalho apresentado no ST 32 do 40º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu – MG, 24 a 28 de outubro de 2016. Publicado originalmente em inglês na *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 14, n.3. 2017, com o título "Violent action among friends: an ethnographic reflection on processes of moral and emotional perceptions and justifications of conduct".

and extraordinary aspect, transmute social and individual relations? What emotional aspects are at work and how is the normality of everyday life reassembled, such as grief, regret and reconstruction of personal and social bonds between the affected families and the aggressor? How do moral practices and perceptions work in mourning, repentance, and forgiveness? **Keyword:** daily life, banal violence, justifications, morality

Este artigo se baseia em dados de uma pesquisa mais ampla sobre a experiência de medos corriqueiros na composição e remontagem de sociabilidades na cidade de João Pessoa, Paraíba (KOURY, 2008). A pesquisa não toma por objeto os grandes medos como base analítica, embora passe por eles, mas sim, os medos corriqueiros e as experiências emocionais e morais nas situações produzidas nos jogos relacionais cotidianos e suas vulnerabilidades.

Estuda as justificações e as formas de enfrentamento onde os indivíduos trabalhados, envolvidos no agenciamento das alternativas relacionais e comunicacionais configuradas, se apresentam e se conformam: sempre de forma tensa e ambivalente. O que permite um desenvolvimento compreensivo das alternativas viáveis à busca de um retorno da normalidade normativa quebrada e atingida por uma espécie de *'relampejo'* de um ato extraordinário¹, que os tomou de surpresa e modificou as suas relações e os fez sair do cotidiano em busca de uma restauração do *'bem viver'*; e da continuidade deste mesmo cotidiano fragmentado pela ação violenta.

Procura de restauração, contudo, mesclada por justificações, por desculpas, e por formas assumidas de construções morais e de concepções do justo e do *'bem'*. Egressões vistas pelos indivíduos envolvidos e marcados por esta situação traumática (JASPERS, 1974), como de superação do sofrimento motivado pelo ato impensado e extraordinário de um ator social em relação ao outro relacional específico [a vítima] e as famílias envolvidas.

Por situação traumática se entende o vínculo engolfado de relações que se estabelece após a ultrapassagem moral de uma situação limite dada, em que os atores sociais envolvidos se encontram na iminência da produção de ofensas e transgressões morais. O engolfamento das relações (SCHEFF, 2016) reduz as capacidades cognitivo-expressivas e as possibilidades de ação de cada ator social mediante o constrangimento do self individual na situação de embaraço do grupo em que foi subsumido, e cujas fachadas, coletiva e individual, se encontram ameaçadas.

As emoções e, nesse sentido, os vínculos sociais e morais que formam e informam os sentimentos, são resultados de negociações tensas e indeterminadas, em que desponta o caráter transintencional e situado da ação e a natureza contingente e assimétrica da comunicação de conteúdos sociais pelos indivíduos em interação. Estes aspectos problemáticos da interação são definidos por Goffman (2011) como vulnerabilidades interacionais.

Goffman aponta para o caráter dúbio da vergonha e do constrangimento social: *"pessoa de vergonha"* e *"pessoa sem vergonha"* aparece como expressões que indicam a vergonha não somente como limitação à ação legítima, mas também como aptidão do ator social para o jogo interacional. Nas palavras de Goffman (2011, p. 17):

¹Por ato extraordinário se entende a ação social cujo sentido extrapola, em suas consequências, as expectativas de uma normalidade normativa dada. O ato extraordinário desorganiza, neste sentido, o sistema social de posições e de classificações morais, gerando espaços interacionais liminares e um enorme desconforto moral e emocional para os atores envolvidos. O ato extraordinário, quando definido como elemento de vergonha-desgraça, implica na perda da fachada que organiza o fluxo interacional em um evento social qualquer.

Ao entrar numa situação em que recebe uma fachada para manter, essa pessoa assume a responsabilidade de vigiar o fluxo de eventos que passa diante dela. Ela precisa garantir que uma ordem expressiva particular seja mantida...

O autor discorre, ainda, sobre o desconforto da copresença e sobre o custo emocional e social das expectativas morais projetadas na interação nos seguintes termos:

Acima de tudo, o constrangimento tem a ver com a figura que o indivíduo representa diante dos outros considerados presentes naquele momento. A preocupação crucial é a impressão que se dá sobre os outros no presente... (p. 96).

Neste sentido, Goffman discorre sobre um vocabulário próprio de situações de constrangimento, em que o Eu está presente, mas não em “jogo” em razão da quebra de expectativas morais em relação aos Eus em jogo, o que constitui uma situação traumática. As vulnerabilidades interacionais apontam para uma necessidade constante de administração de situações de constrangimento, em que transgressões de fronteiras e hierarquias sociais e do sistema de posições status/papel/prestígio/performance podem ocasionar na perda da fachada dos atores sociais envolvidos em uma ordem moral, expressiva e emocional dadas.

Goffman (2011, 2012) é enfático ao tratar da *situação social*² e do *Eu em jogo* como elementos constitutivos da *fachada* enquanto princípio organizacional do tráfego social, constituindo um mundo emocional e moral frágil, reiteradamente construído. Em um contexto engolfado de relações, neste sentido, a interação cotidiana se apresenta como potencialmente afetada por ocasiões de aguda vulnerabilidade, fragilidade, desentendimentos e ameaça de quebras de confiança, podendo gerar situações limite e traumas que fogem ao controle dos atores em jogo comunicacional e paralisam o tráfego social.

A experiência traumática, uma vez estabelecida como memória e ressentimento pela quebra de vínculos sociais, pode desatar um processo de apropriação moral do evento classificado como crítico e responsável pela desordem moral experimentada. Neste espaço traumático de interações desponta o empreendedor moral (BECKER, 2008 e 2009) como um catalisador de ações impositivas de um projeto moral a partir de uma leitura e definição de uma situação dada. A situação limite e o trauma produzem, assim, elementos para a própria recomposição moral da normalidade normativa quebrada: janelas de oportunidade que permitem ao empreendedor moral o uso político, econômico, social ou moral oportuno de seus recursos para fins da cruzada moral a que se propõe.

Goffman enfatiza a ligação emocional que o Eu desenvolve em relação à sua fachada, entendida como o compromisso de manter reputações em torno de status/papel/prestígio, de direitos/obrigações, e de afirmar e preservar performances e sensibilidades identitárias. A fachada como constructo derivado das regras do jogo e das definições da situação, atravessa a subjetividade e se localiza difusamente no fluxo de eventos do encontro social, ou seja, no espaço simbólico entre os eus, de modo que so-

²A *situação social*, - enquanto classe de eventos caracterizada pela copresença de atores sociais, brevidade temporal, limitação espacial, materiais comportamentais e ações reciprocamente orientadas no contexto de turnos de fala, ocasiões, ajuntamentos e intercâmbios sociais ritualmente iniciados e concluídos, - se organiza como ordem normativa, expressiva e comportamental e como fluxo de conteúdos sociais acomodados na forma situacional. Na *situação social*, a *linha* que o ator social constrói com o outro para si enquanto padrão interacional estabilizado do eu, assim como a *fachada* que reivindica como valor social positivo a partir dos atributos sociais de sua linha, podem ser entendidos como elementos do eu socialmente integrado.

mente pode ser confirmada e reconhecida pelo outro relacional em um exercício de reciprocidade.

O constrangimento recíproco, ou a vergonha cotidiana (GOFFMAN, 2011 e 2012; SCHEFF, 2016), é o elemento emocional fundamental da ordem moral, regulando a ordem expressiva e emocional possível. A relação linha – fachada, com efeito, aponta para a noção goffmaniana de social como sistema de expectativas de expectativas, em que a confiança em si e no outro relacional, derivada da confiança nas regras do jogo, é o operador básico de uma sintaxe interacional perpassada por vulnerabilidades, riscos e patologias próprias da interação.

Os Eus em interação respondem aos riscos dos encontros sociais com estratégias de manter a ordem moral em fluxo, ou seja, de preservar a fachada como princípio organizador da interação. Os atores sociais, assim, se mostram orgulhosos, honrados e dignos em relação à fachada que sentem como propriedade do eu, muito embora esta seja um empréstimo ao indivíduo e uma forma de coerção e controle do social.

Em síntese, Goffman compreende a interação como um ritual autorregulador, autorreferente e recíproco, que emerge como precipitado da própria experiência intersubjetiva, sempre contingente, arriscada e perigosa. A estrutura do Eu, com efeito, é resultado da relação de interdependência entre linha – fachada, sendo a preservação da fachada o princípio fundamental da ordem interacional e o dever de defender o Eu, portanto, um dever sagrado para o ator social.

Nas palavras do autor (GOFFMAN, 2011, p. 49):

A natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la, a pessoa se torna uma espécie de construto, criada não a partir de propensões psíquicas internas, mas de regras morais que são carimbadas nela externamente. Essas regras, quando seguidas, determinam a avaliação que ela fará sobre si mesma e sobre seus colegas participantes no encontro, a distribuição de seus sentimentos, e os tipos de práticas que ela empregará para manter um tipo especificado e obrigatório de equilíbrio ritual.

O social, nesta perspectiva, só se faz possível na interação de atores sociais autorreguladores, ou seja, que constroem moral e emocionalmente a si e ao outro, produzindo culturas emotivas e códigos de moralidade, nos encontros sociais. Este Eu que desponta como um jogador no jogo ritual de interações se organiza também como imagem de si para o outro e para si, como narrativa de reputações e memória, como linha e fachada individual.

É neste sentido que a amizade, enquanto processo intersubjetivo gerador de códigos de moralidade e de culturas emotivas, caracteriza um vínculo social de fortes exigências morais, porque fundado na liberdade individual, na lealdade, na confiança e na partilha de segredos e de intimidades (KOURY, 2014). Este Nós relacional constitutivo do vínculo social, assim, conforma *individualidades em tensão*, em um jogo de mostrar-se e esconder-se do outro que define formas e limites da ação, ou seja, uma normalidade normativa que se expressa em comportamentos esperados.

O Nós relacional é entendido como um *Microcosmo Organizacional, Enquadre Vulnerabilizado* (GOFFMAN, 2012), *Sistema de Confiança e de Expectativas* (GIDDENS, 2002) e, ainda, como uma *Comunidade de Sofrimento* (TURNER, 2013). As expectativas morais criadas na conformação do vínculo social são afiançadas por estratégias de controle de si e do outro, bem como por práticas punitivas de envergonhamento e amedrontamento do outro.

Uma vez produzidas, - ou assim imaginadas, - no fluxo transintencional e tenso do jogo interacional, estas ofensas e transgressões morais, a situação traumática se apre-

sentida para cada ator social envolvido como sentimento de vergonha-desgraça (SCHEFF, 1990), ou seja, como a presentificação de uma memória e de uma narrativa que redundam na destruição do vínculo social, da fachada do grupo e dos selves individuais.

A situação traumática pode ser reconhecida no entrincheiramento moral e nos sentimentos de humilhação e ressentimento que cada relacional desenvolve em relação ao contexto interacional. O trauma se desdobra, ainda, em um processo de falência moral em que semelhanças e dessemelhanças identitárias se confundem em um jogo ressentido de desculpas de si e de acusação do outro.

O ressentimento, assim, se configura como uma experiência dolorosa de rebaiamento moral acentuado, que remete a “um tempo repetitivo gerador de fantasmas e pensamentos hostis vividos na impotência” (ANSART-DOURLEN, 2009, p. 351). O ator social ressentido, neste sentido, se encontra em uma situação de engolfamento aprofundado resultante de um trauma, injustiça, quebra de confiança e vergonha-desgraça que desorganiza seu espaço de relações e, conseqüentemente, sua capacidade de narrar o passado e de projetar o futuro.

Este estudo percorre teórico e metodologicamente um caminho interacionista e pragmatista de análise sobre a experiência social formada e que dá sentido às ações dos indivíduos em interação e em jogo comunicacional. Bem como para a compreensão das estratégias e justificações e caminhos utilizados pelos membros das famílias analisadas para as suas próprias ações e seus resultados, e para as conformações por eles engendradas para a retomada do cotidiano e dos sentidos do ‘bem viver’ individual e coletivo.

O artigo analisa, através da antropologia das emoções e da moralidade, o assassinato de um jovem de 28 anos por outro jovem, amigo de infância e vizinho por um motivo corriqueiro e banal, em um bar perto da residência de ambos, na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, em 2006. Discute o envolvimento das duas famílias dos jovens, a prisão, a sentença judicial em 2008 e a liberação do agressor, solto no final de 2013 por ‘bom comportamento’.

O artigo discute, portanto, as estratégias desenvolvidas pelos familiares para a continuidade dos laços de solidariedade e amizade que as uniram “desde sempre”³, e desconfigurados no agenciamento do assassinato de um dos filhos, e os problemas de sobrepujar as marcas da perda. Marca esta que permite a remontagem de um cotidiano cuja experiência e vivência não é mais a mesma, mas sentida pelos indivíduos envolvidos como uma outra relação, tensa, e sempre em retorno ao ato extraordinário que os modificou e transformou a sua ação conjunta em um cotidiano carregado, conflitual e recheado de negociações e silêncios.

Tem por base o acompanhamento da vítima e sua família, a sua morte e a trajetória seguinte a ela. Tem por foco a compreensão da recomposição familiar da vítima e do agressor e sua família, bem como a manutenção e refinamento dos laços de vizinhança e amizade entre as famílias. Busca a apreensão do ato que levou ao crime e o esforço de ambas as famílias de apoio e restauração da confiança *em-si* do agressor.

Explora as relações de amizade e da violência entre amigos. Centra a sua análise nos laços familiares e de vizinhança, e, através deles, traz à tona as questões relativas ao sentimento de perda e aos códigos morais que reestruturam e permitem ao agressor elaborar o arrependimento e, - através da ajuda de sua família e dos laços de vizinhança e amizade com a família da vítima, - recuperar-se do ato de extrema emoção que levou à morte o seu ‘melhor’ amigo.

Como o crime e sua respectiva apropriação moral (BECKER, 2008) transmudam, enquanto aspecto singular e extraordinário da vida cotidiana, as relações sociais e

³Conforme palavras sempre repetidas e referenciadas por todos os membros das duas famílias atingidas pela ação que levou à morte por assassinato de um dos seus membros e a prisão de outro.

individuais de sujeitos envolvidos na sua composição como fato social? Que aspectos subjetivos e emocionais atuam no ato seguinte ao homicídio e como se dá a sua remontagem na volta da *normalidade normativa* do cotidiano, enquanto perda, luto e arrependimento, e como reconstrução de vínculos pessoais e sociais entre familiares e entre as famílias afetadas e o agressor? Como práticas e percepções morais trabalham nesse processo complexo de emoções como o luto, o arrependimento e o perdão? São questões que perpassam toda a análise.

O contexto moral e emocional-relacional do assassinato

Já há alguns anos, desde o ano 2000, o GREM⁴ vem trabalhando com a relação medos e sociabilidade, centrando a sua análise na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, Brasil, sob a coordenação do pesquisador (KOURY, 2008). A pesquisa, em seu primeiro momento, usou uma metodologia da "bola de neve", onde um entrevistado levava a outros possíveis, e assim se ia adentrando na cidade e, no caso, em diversas camadas sociais, tipos de vínculos profissionais e empregatícios, religião e outros, bem como a formas diferentes de inserção na cidade e estilos de vida e trabalho das pessoas em que se entrava em contato e se permitia fazer parte da pesquisa.

Foi assim que se conheceu Arnaldo⁵. Arnaldo era vigilante de rua em uma das ruas do bairro do Tambaú, bairro nobre da cidade de João Pessoa. Era conhecido como "da turma do apito": vigilantes que recebiam uma contribuição mensal dos moradores de uma rua ou uma quadra de um bairro e passava a noite de bicicleta (no caso dele), ou de motocicleta, fazendo ronda no local.

Na maioria dos casos, era uma atividade meio intimidante, os moradores se sentiam constrangidos a participar das contribuições mensais com receio de virem a ser assaltados se, por acaso, não o fizessem. Foi algo muito comum na cidade entre os anos de 1990 e os primeiros dez anos dos anos 2000. Atualmente, com a pressão de empresas de segurança, e formas mais baratas de se imporem no mercado, inclusive a formação de pequenas empresas para serviços de segurança de rua, os "da turma do apito" entraram em declínio e, mesmo, extinção⁶.

No que diz respeito a Arnaldo, ele tinha sido empregado de uma empresa de vigilância e, tempos depois, foi demitido. Procurou, segundo ele, inserção ao mercado, primeiro em outras empresas de segurança, fez testes, deixou currículos, mas o tempo passava e sempre avisavam a ele que se encontrava em uma lista de espera e, assim que possível, o chamariam. Fez bicos em boates, em shows e restaurantes e, foi lá que conheceu alguns colegas que falaram sobre "montar um negócio de segurança de rua". Um dos novos colegas tinha conhecimento de outros grupos e disse que "dava para tirar um trocado legal" por mês.

Segundo ele, meses depois deixou o grupo, pois se sentiu prejudicado no trato da repartição das tarefas e do dinheiro mensal, e resolveu assumir "umas duas ruas lá no Tambaú" que, segundo ele,

uns antigos colegas que trabalham com segurança e portaria de prédios lá por perto, me avisaram que naquela área tinha cara que podia ser um bom negócio pra mim. Era uma área tranquila, mas que as pes-

⁴ Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções

⁵ Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

⁶ Hoje o serviço se reconfigurou em pequenas empresas consolidadas de segurança de bairros, mais baratas e presentes inclusive em bairros populares da cidade. Trocaram o uso do apito pela buzina da moto, os contratos são por ruas ou conjuntos de ruas, onde os empregados das seguradoras rondam à noite, em motocicletas, de uniformes identificando a empresa e ao percorrerem cada rua, usam a buzina como forma de marcar presença.

soas estavam com muito medo de sair de casa, pela iluminação fraca e pela proximidade de bares e circulação de muita gente que ninguém conhecia. Foi assim que eu entrei na área, (apresentado por um dos porteiros ou segurança mais antigo a um dos moradores de casas no local escolhido).

Arnaldo trabalhava a quase três anos fazendo a ronda em três ruas de um quarteirão, onde havia ainda várias casas, mas já com a existência de alguns prédios e a pressão imobiliária pelas incorporadoras junto aos moradores locais para a venda de suas casas. Muitos começavam a ceder e negociar suas casas com as incorporadoras e havia muitas casas já cercadas por tapumes de madeira ou alumínio indicando que em breve haveria mais um lançamento de um edifício local.

Foi fazendo a ronda por essas ruas que Arnaldo conheceu Rita, empregada doméstica de uma das moradias que ele vigiava. Com o tempo estabeleceram namoro e Rita se encontrava grávida dele, por volta do ano 2002, - época em que o pesquisador o conheceu, - e faziam planos de construir um pequeno cômodo por trás da residência dos pais dele, no bairro da Torre⁷, e morarem juntos com o filho que ia nascer. Na época em que se travou conhecimento com Arnaldo, os pais dele "faziam gosto" no casamento do filho e gostavam de Rita e da idéia de ter um neto.

Rita era filha, uma das mais novas, de Dona Milagres, senhora que entrevistei e cuja família comecei a acompanhar nas redes de pessoas formados por ela e vinculadas à cidade de João Pessoa. Rita já possuía dois filhos de dois relacionamentos anteriores, um deles morava com a avó paterna de um dos pais, e o outro era "criado" por Dona Milagres, onde Rita, até então, morava. Dona milagres morava no bairro do Varadouro, em um grande corredor que se abria, no final, para uma pequena sala e uma pequena área descoberta, onde a família costumava se reunir nos fins de semana.

Foi no acompanhar Dona Milagres e seus filhos e netos, e, no caso específico aqui tratado, a Rita, que o pesquisador conheceu, não só Arnaldo, mas, também, alguns colegas dele, porteiros e seguranças de prédios locais, bem como o empregador da Rita, sua esposa e seus familiares e assim por diante⁸. E, através do Arnaldo, teve a chance de conhecer seus pais, alguns vizinhos da rua em que morava com os pais, dentre eles o "meu melhor e único amigo", Noé, que viria a assassiná-lo.

Noé era um vizinho e amigo desde a mais tenra infância, e filho de um casal muito amigo dos pais de Arnaldo, que vieram juntos do interior e desde então se dão bem a ponto de terem as casas com um portão no muro interno para melhor se frequentarem. Uma espécie de moradias abertas e não privadas onde os vizinhos, - ou cohabitantes, - podiam entrar e sair a qualquer momento, e todos os espaços das moradias compartilhados pelos cohabitantes em constante mobilidade, onde os segredos vazam e são compartilhados. Como disse uma vez Seu Raposo, pai do Arnaldo, "a gente é mais ligados que irmãos muitas vezes são. Carne e unha, tudo a gente reparte, de ilusões até as preocupações do dia a dia, das tarefas com os filhos até a labuta e a adoração na igreja, das reuniões até as festas".

É neste seio familiar-comunitário que se passa a tragédia aqui relatada. Chama-se aqui de familiar-comunitário o núcleo familiar composto pelas duas famílias unidas por laços de amizade e compadrio, e por divisões de tarefas e compromissos cotidianos que vão além da casa, do trabalho e da religião e chegam a projetos e projeções comuns em relação ao bem comum nuclear: sonhos, tristezas, alegrias, planos, vitórias, fracassos são vividos comunitariamente, em espírito de compartilhamento e forte personalidade, como uma espécie de fachada coletiva única que abarcava as fachadas individuais.

⁷ Bairro tradicional e popular da cidade de João Pessoa, PB.

⁸ Que não serão estudados neste trabalho, e apenas referenciados quando indispensáveis à argumentação.

Este nucleamento familiar-comunitário que congrega as duas famílias onde Arnaldo (a vítima) e Noé (o assassino) foram criados, se construíram e se ergueram como pessoas, pode ser pensado dentro do esquema lêvi-straussiano de família (LÈVI-STRAUSS, 1986, p. 75). Esquema este que parte do princípio formador da uma família como composto por um casal e filhos, mas que, em circunstâncias específicas, pode agregar outros parentes ou amigos de longa data, como a aqui estudada, e que se erige como uma rede precisa de direitos e proibições, e um conjunto variável e diversificado de sentimentos, como o amor, o afeto, o respeito, o medo e outros, em que os membros deste nucleamento, aqui chamado de familiar-comunitário, se encontram unidos entre si (p. 75-76).

Esta proximidade e pessoalidade intensas das duas famílias, no momento da tragédia aqui registrada, estavam em processo de ampliação de seu núcleo. O crescimento dos filhos e o envolvimento dos mesmos em relações amorosas com mulheres e planos de uma vida em comum com elas se relacionavam com os projetos de construções de moradias nos fundos ou quintais das residências dos pais. Noé já estava avançado na construção do seu “puxadinho”, e o Arnaldo, depois do conhecimento e aproximação amorosa com Rita já havia falado aos pais da construção do seu lar no quintal da moradia paterna, principalmente ao descobrir que Rita estava grávida do seu primeiro filho.

Clima de festa entre as famílias pelo casamento dos filhos, pela decisão dos mesmos de continuarem morando junto aos pais, da chegada de novos membros: as duas mulheres e de um/a neto/a. Membros pensados como um prolongamento e consolidação da aliança que unia os dois casais, e sua continuidade em gerações vindouras.

Os dois amigos-irmãos se ajudavam no levantar das construções dos “puxadinhos” e celebravam e compartilhavam essa nova fase da vida, com os novos projetos de vida adulta em comunhão entre si. Noé era vidraceiro e se achava estabilizado na arte e trabalhava com o pai em uma oficina que iria herdar. Arnaldo era segurança de uma empresa privada, demitido, e passou vários meses sem trabalho até que iniciou o serviço de “segurança de ruas”, conhecido na época na cidade de João Pessoa, como “turma do apito”⁹.

Trabalho considerado “bico” por ele, mas que lhe rendia um sustento básico que, somado com o salário de empregada doméstica de sua namorada, daria para um começo de vida em comum, principalmente pela ajuda familiar-comunitária em que vivia e confiava. As duas famílias estavam em “estado de graça”, como relatou Dona Etelvina, mãe de Arnaldo, complementada pela Dona Geralda, mãe de Noé, com um “távamos vivendo um momento muito glorioso com os nossos filhos se montando para formarem famílias e a chegada dos netos”.

É nesse cenário de uma confiança e confiabilidade, harmonia e bem viver, de *estado de graça e momento muito glorioso* que acontece a tragédia. Tragédia onde um filho de um casal mata o filho do outro casal, considerados pelos pais e por eles mesmos como mais que amigos e mais do que irmãos.

Crime e banalidade

Em 2007, o pesquisador estava transitando na rodoviária da cidade quando ouviu o seu nome ser chamado, “Professor, Professor Mauro...”. Olhou para os lados e viu um conhecido de Arnaldo e Noé que trabalhava como *bilhetista* em um *box* de uma

⁹ O próprio Arnaldo era ciente dos problemas envolvidos em consideração a “turma do apito”, falava da existência de “bandidos” no meio, mas afirmava ser “honesto” e que “eu só to nesse ramo porque preciso trabalhar e tá difícil encontrar trabalho”, mas, ao mesmo tempo afirmava a sua sorte de ter esse “bico” porque foi através dele que conheceu a “mulher da minha vida”, a Rita. E que as pessoas que lidam com ele no trabalho, - como o empregador de Rita, - sabem que ele é honesto e um homem de bem.

companhia de ônibus. Foi até ele, apertou a mão, perguntou como vai e, antes de iniciar qualquer outra frase de continuidade da conversa foi interpelado pelo bilhetista e amigo do Arnaldo e Noé com uma frase e narrativa curta e bombástica:

Professor, você soube... você soube! Arnaldo morreu... Arnaldo lá da Torre, lembra... [Sim, claro!... Como foi isso?]. Foi Noé, foi Noé que matou e tá preso. A família dele e do Arnaldo, mesmo, levaram ele prá delegacia prá ele confessar o crime... Já faz quase um ano!... [E Rita? E os pais dele?...] Tão vivendo, né? Rita teve um menino, se chama Arnaldo, e se mudou prá casa que Arnaldo tava fazendo pros dois. Seu Raposo e Seu Pedro terminaram a casinha e ela tá com eles. Uma tristeza só, né? Mas tão vivendo!...

À noite o pesquisador foi até a casa dos pais de Arnaldo para uma visita. Rita estava no trabalho e Arnaldinho [como a criança é chamada pelos avós] estava dormindo no pequeno sofá da sala. Dona Etelvina estava na cozinha preparando um café junto com Dona Geralda, Seu Raposo abriu a porta e recebeu o pesquisador com um grande abraço. Junto de Arnaldinho, em uma cadeira, se encontrava o Seu Pedro, pai de Noé!

Seu Pedro fala de imediato enquanto o pesquisador é recebido com um abraço! “Grande tragédia se abateu sobre nós, Professor! Grande tragédia!...”. No que é complementado pelo Seu Raposo: “Pois é, foi um abalo em nossas vidas... perdemos o Arnaldo e tamos com o Noé na prisão... tudo por causa de um gesto impulsivo e impensado. Coisa de meninos sofrendo...”.

A noite passou rápido, tomou-se café, se conversou sobre o acontecido, com desculpas de ambos os lados, - do pesquisador e dos dois casais, - o primeiro por saber tão tardiamente do acontecido, os casais tentando explicar que tentaram avisar, mas não sabiam o telefone e nem como constatar, e sobre o abalo na vida das duas famílias, que continuam juntas e, segundo elas, “mais amigas e próximas do que antes”.

Antes de sair, o pesquisador foi avisado por Dona Geralda que

Daqui a dois dias vamos fazer uma visita a Noé na prisão, se o senhor quiser vir com a gente será bom! Depois, como sempre, vamos até o cemitério fazer uma visita pro Arnaldo. Vai ser bom pros dois e a Rita tá de folga e vai com a gente. Depois a gente volta e o professor almoça com a gente. Que tal?.

O convite foi aceito e uma despedida de muitos abraços selou a noite. No dia seguinte o pesquisador saiu à procura dos jornais da época e, no dia 25 de maio de 2006 encontrou uma pequena nota cuja manchete dizia “Homem é morto por amigo em uma discussão por causa de mulher em um bar da Torre, na capital”. A pequena nota iniciava com a notícia de que “na madrugada do dia 24 de maio um homem que se encontrava bebendo em um bar no bairro da Torre, nesta capital, mata outro motivado pela discussão causada por uma desavença entre eles por uma mulher”¹⁰. A nota prossegue com outros casos de assassinatos e tentativas de assassinatos ocorridos em vários bairros populares da cidade de João Pessoa.

A morte por assassinato de Arnaldo foi tratada como mais um crime por motivos banais na cidade de João Pessoa. A pequena nota dá a entender que os dois amigos disputavam a mesma mulher e por isso um deles terminou sendo assassinado. Para o jornal, um crime sem importância, uma ação banal, que denuncia, no mais das vezes, a violência gratuita entre os homens comuns no estado.

Ao encontrar os pais de Arnaldo e Noé, às seis horas da manhã do dia da visita a Noé na prisão e depois ao cemitério onde se encontrava os restos mortais de Arnaldo, o

¹⁰ Jornal *O Norte*, quinta feira, 25 de maio de 2006. Nenhum outro jornal local divulgou o acontecimento.

pesquisador comenta a notícia que tinha saído no jornal. Seu Raposo abre uma bíblia e retira de lá um recorte de jornal. Mostra a notícia relatada pelo pesquisador. Rita está entrando em casa pelas portas do fundo com Arnaldinho e uma grande bolsa de bebê. Dona Etelvina corre até a geladeira e trás umas mamadeiras com leite e água e um saco tirado de um armário com biscoitos e potinhos de alimento para crianças. Rita abraça o pesquisador e, com uma voz chorosa, mostra o Arnaldinho e fala: “... é o resultado do nosso amor, meu e de Arnaldo. É a lembrança viva do nosso bem querer...”.

Uma pequena comoção toma conta da sala, logo interrompida por seu Raposo que informa que temos que ir logo senão se perde o horário da visita. Após fechar a casa, caminhou-se até um ponto de ônibus até o presídio do Roger. Uma fila já esperava o horário de abertura do presídio para a visita. Todos entraram na fila e, mais ou menos meia hora depois a fila começa a andar, a revista a cada pessoa é feita, os sacos conferidos e a entrada liberada. A seguir dá-se o encontro com Noé: choros, abraços e beijos, pedido de benção à mãe e ao pai e aos pais de Arnaldo. Beijo em Rita, beijo em Arnaldinho e mais choro. Olha na direção do pesquisador e fala:

olha o que eu causei, professor!... desgracei minha vida e deixei uma criança sem conhecer o pai sequer... matei o meu amigo! Que coisa, que coisa... não passa um minuto sem que eu pense na desgraça que causei a minha família, meus pais e os pais de Arnaldo, a ele, a Rita, ao Arnaldinho... Ah! Se eu pudesse voltar no tempo e remediar tudo isso... agora só me resta essa expiação sem fim, sem fim...

Comoção geral, mais uma vez. Seu Raposo pega a bíblia, abre e começa a ler com voz embargada um trecho sobre arrependimento e perdão. Todos se abraçam e se atualizam como uma só família-irmã “... que se tornou mais unida, mais ainda, pela desgraça que nos acometeu...”, diz aos prantos Dona Geralda, com aceno de concordância de todos os demais.

A visita acaba, e o grupo se despede de Noé, e Noé abraça o pesquisador e fala baixinho que queria muito conversar com ele sobre o acontecido, precisava falar. O pesquisador acena que sim, e diz baixo que daria um jeito de ir até ele sem a presença das famílias. Ele olha para o pesquisador e lhe dá um forte aperto de mão.

Saindo da prisão o grupo pega um ônibus com destino à integração e de lá outro ônibus até o cemitério do Cristo Redentor, onde se encontra os restos mortais de Arnaldo. Uma pequena lápide de mármore branco informa o nome de Arnaldo, a data de nascimento e morte. Do lado esquerdo uma pequena fotografia emoldurada de um Arnaldo sorridente. “A última foto de Arnaldo pouco antes de morrer. Tirada por Rita...”, informa Dona Etelvina. Todos se entreolham com emoção. Seu Pedro abre a bíblia e lê algumas passagens, em coro os demais dizem amém! Arnaldinho chora e Dona Etelvina e Dona Geralda se afastam um pouco e com Arnaldinho nos braços vão até a sombra de uma árvore, pegam uma mamadeira de água e oferecem a criança. Os homens se afastam um pouco e Rita fica sozinha junto ao túmulo e desata a chorar e repetir alto que Arnaldo foi o seu homem e que ela o ama cada vez mais.

Meia hora mais tarde o grupo deixa o cemitério, pega um ônibus até a integração e depois outro para a Torre. Todos estão cansados, as mulheres partem para as suas cozinhas para esquentar os pratos que fizeram, o almoço é servido em uma mesa no quintal, abaixo de uma grande mangueira.

A conversa versa sobre o dia, sobre o abatimento de Noé, o que fazer para que ele retome a sua vida, sobre a igreja e os trabalhos na comunidade, na beleza de Arnaldinho, sua esperteza e sabedoria, de como Rita é uma boa mulher, de como ela completou as famílias, da falta que Arnaldo faz, do envelhecimento e das *fraquezas* que esse

estágio da vida traz e daí para pequenas brincadeiras e lorotas. No final da tarde o pesquisador se despede sempre acompanhado de grandes abraços e sai.

Nos meses seguintes o pesquisador consegue uma autorização especial para se encontrar com Noé, e passa a frequentar o presídio pelo menos uma vez por semana. Faz visitas cotidianas inicialmente às duas famílias, inicialmente, depois espaçando as visitas para fins de semana quando a Rita estava de folga do emprego durante todo o ano de 2007. Em 2008 recebe a notícia da sentença dada a Noé de 20 anos de prisão, em um telefonema de Rita, e em 2013 vai com os pais de Noé e de Arnaldo receber Noé na porta da prisão, libertado por bom comportamento após cumprir um terço de sua pena.

Nas visitas a Noé, a versão sobre o acontecido que terminou com a morte de Arnaldo vai, pouco a pouco, tomando corpo. É a mesma versão que se encontra nos autos do processo. Nesta versão Noé fala do seu envolvimento com Maria, que já durava quatro anos, quando decidem ficar juntos. Fala da alegria dele e dos pais, fala da construção do *puxadinho* no quintal dos pais e do acontecimento que o “derrubou”, que o tornou “sem chão”, quando Maria chega uma noite e diz para ele que vai morar com outro homem, que

não sabe como aconteceu, mas aconteceu: ela o conhecia antes de me conhecer, ele tava fora, voltou de férias, deu em cima dela, ela disse que era comprometida, mas terminou cedendo, saíram, beberam ela foi prá cama com ele, e isso, segundo ela, já durava um tempo... daí ela achou melhor contar prá mim, até porque, segundo ela me disse, ela já tava com as malas prontas prá ir morar com ele, numa cidade no interior onde ele trabalhava e morava.

Continua:

Fiquei tonto, fiquei sem prumo, minha vida acabou, pensei. Pensei em me matar, em matar ela, em matar o novo homem dela, pensei na vergonha que tava sentindo e na vergonha que seria dizer pros meus pais que tinha sido traído e não ia mais ter casamento. Queria chorar, não conseguia, queria me socar prá dentro de um buraco e não sair mais. Fui pro bar de Seu Zé e pedi uma cerveja e uma garrafa de cana e comecei a beber, a beber, e a beber... não queria conversa com ninguém... nem comigo! Minha cabeça era fogo só, queimava, ardia, os pensamentos tudo confuso: mulher traíra, mas... [ao mesmo tempo, mulher amada] e agora... o que faço sem ela... e bebia e bebia...

... Foi aí que de repente, já de madrugada, passa Arnaldo, por que ele tinha quer passar por ali? Por quê? Meu amigo, meu irmão, meu querido... ..me viu, sozinho, bebendo, se aproximou e falou “que que tá acontecendo Noé, tu num é disso não, vamos prá casa...”. Eu o puxei e o arrastei para uma cadeira, pedi um copo, enchi de cerveja e disse: ‘Maria foi embora, a gente acabou...’, “Como assim!...”, ele perguntou. ‘Tá com outro homem’, eu disse, ‘vem me corneando há tempo, e agora, logo no começo da noite, quando eu saía da vidraçaria de meu pai, ela apareceu e me contou tudo: disse que já tava com as malas prontas prá viajar pro interior com ele e morar por lá com ele... ..eu to sem chão, to me sentindo um trapo fudido...’

Arnaldo passa então a tentar consolar o amigo-irmão, passa o braço por cima dele, diz que ele vai se recuperar desse “vexame”, o chama para irem embora para casa, dormir, pois “amanhã é sempre outro dia...”. Avisa ao dono do bar que não sirva mais nada e que “pendure a conta que ele paga amanhã”. Noé resiste a sair do bar, e volta a contar a mesma história da traição e da vergonha que tava sentindo, de como seria a

vida dele a partir de então, nada mais valia a pena. Como contar para os pais, e como “a vizinhança já devia tá rindo d’eu...”. E por aí vai.

Arnaldo, segundo Noé, fica mais calmo e tenta tranquilizá-lo, mas Noé fica mais alvoroçado e,

De repente, eu tiro uma arma da cintura e boto sobre a mesa e fico dizendo que vou me matar, ao mesmo tempo em que digo que vou matar Maria e o homem dela... Arnaldo diz: “chega de besteira Noé, tu não vai fazer nada disso. Isso acontece... é triste mais acontece... deixa disso rapaz, prá que desgraçar a tua vida por causa de mulher... Toda mulher é assim mesmo... de hora prá outra acontece isso, é difícil ter mulher como as nossas mães...

...Por que ele disse isso? Num sei o que deu em mim, num sei mesmo... meu irmão, meu amigo tava querendo me consolar, me levar prá casa, me pedindo prá não fazer besteira, mas, ao dizer que Maria era igual as outras e diferente de nossas mães, na minha cabeça, na hora, eu pensei que ele tava querendo dizer que Maria era uma sem vergonha, uma puta... Peguei o revólver em cima da mesa e gritei: tu tá pensando o que Arnaldo, tu tá doido... tu tá chamando nome com a minha Maria? Tu tá querendo morrer safado... Eu tava louco, possuído pelo cão, minha raiva, minha vergonha passou toda pro Arnaldo, irado eu gritava e segurava o revólver apontando para a cara dele... Ele nem chegou a dizer nada, de repente a arma disparou, puxei o gatilho, a bala entrou na cabeça dele... Arnaldo tombou por cima da mesa e daí pro chão... Matei meu irmão, matei meu amigo, matei a pessoa que mais gosto no mundo, pensei comigo, e saí em disparada prá casa dos meus pais e dos pais de Arnaldo... cheguei gritando: matei, matei, matei Arnaldo, tá lá no bar, tá lá no bar do Seu Zé...

De acordo com Seu Pedro:

Noé chegou gritando desesperado que tinha matado Arnaldo. Tudo estava muito confuso, Geralda acordou apavorada com os gritos do filho... Corremos para acordar Raposo e Etelvina prá saber se Arnaldo tinha chegado em casa já... Não tinha! Saímos às pressas pro bar de Seu Zé, Noé caiu no sofá chorando e gritando que tinha matado Arnaldo... Chegamos ao bar e o corpo de Arnaldo tava lá, numa poça de sangue, caído no chão... Etelvina se agarrou com o filho querendo dá vida de novo a ele, chorando e chorando, Raposo tava pálido, me chamou e disse que a gente precisava voltar e levar o Noé prum banho prá ele contar o que aconteceu de fato. Aí deixamos as duas mulheres junto ao corpo, pedi a Seu Zé que ligasse prá polícia e voltamos prá casa... Noé continuava soluçando alto. Pegamos ele e botamos no chuveiro frio, demos um café prá ele e ele nos contou tudo até o tiro dado... Pegamos ele, botamos uma roupa limpa, e levamos até a delegacia. Lá ele contou tudo ao delegado e ficou preso. Geralda e Etelvina acompanharam o corpo até o IML, e da delegacia fomos prá lá.

Seu Raposo diz:

O corpo só foi liberado quase às quatro da tarde, daí já se tinha providenciado um caixão e uma vaga no cemitério. Rita tinha sido avisada, coitada, tava com barrigão, chegou chorando e se sentindo mal. Agarrou-se no caixão até o momento do caixão sair prá ser enterrado... Etelvina estava muda, pálida, vez ou outra passava a mão nos cabelos de Rita... Geralda estava como que chocada... Não conseguia ainda en-

tender o que tava acontecendo: o filho preso e Arnaldo num caixão... A rua toda tava presente, a igreja também, veio muita flores... O enterro se deu e todos fomos pra casa. A Rita foi pra casa da mãe dela... O nosso mundinho tinha desabado.

“O nosso mundinho tinha desabado”: Vergonha-desgraça, perda da face e tragédia

A expressão de Seu Raposo é reveladora da tragédia que se abateu em duas famílias-irmãs que viviam comunitariamente, que detinham uma confiança, mesclada de gratidão cotidiana desse laço social que os tinha unido há muitos e muitos anos. União, respeito e dedicação uns aos outros nas horas de alegrias e tristezas agora estavam colocadas à prova por um “*desatino*” de um dos filhos em relação ao outro filho. Ambos os filhos dos dois casais, dos dois homens e das duas mulheres.

O que fazer daí para frente, como encarar a outra família e o outro filho, agora filho do outro casal, que tinha assassinado, por motivo fútil, o filho legítimo, “nosso filho, [que] só queria tirar o *desatino* que o Noé tava vivendo”, como narra Dona Etelvina ao relembrar esse momento trágico, essa situação limite que desabou sobre eles? Seu Raposo fala das longas conversas na volta do cemitério, após o enterro de Arnaldo, com sua mulher, na casa escura, de luzes apagadas, deitados “e de mãos dadas”.

Narra para o pesquisador um mundo fragmentado e cheio de angústias, após o *desatino*, como ela classifica moral e emocionalmente a tragédia resultante da vergonha-desgraça e da perda da face que fez o mundo desabar nos lares onde duas famílias viviam a confiança e a gratidão de terem se encontrado e repartido o seu cotidiano. Fala dos dois filhos, um seu e de sua mulher, e o outro do casal amigo-irmão, que consideravam entre si como filhos de ambos, já que se consideravam um só em quatro tempos e dois filhos.

Relata a vida de muita personalidade e muita confiança entre os casais, o cotidiano sem muita ambição e o ver os filhos crescerem e se tornarem homens:

Nunca fomos cheios de vontades de ter isso ou aquilo outro: o que a gente tinha era o suficiente. O importante era viver o dia a dia como Deus quer e agradecer esse merecer. Era ver o Arnaldo crescer, ficar homem, começar a trabalhar e buscar uma vida com uma mulher, ter netos... o resto a gente ia fazendo acontecer com a fé de Deus, mas também pelo amor de Pedro e Geralda e de Noézinho, como até pouco tempo era chamado por a gente. ...Bom menino esse Noé era: cuidava dos pais, era um trabalhador de primeira, ajudava e tava assumindo pouquinho a pouquinho a oficina do pai e já Pedro considerava ele um mestre vidraceiro... [ri]...

Na narrativa acima fala da significação moral que unia os casais e seus filhos. Significação moral esta sentida e narrada como uma dádiva (MAUSS, 2003), como uma associação moral entre partes unidas por vínculos sociais estreitos que revelavam a cada momento o sentido e o sentimento de um reconhecimento interpessoal, de cuidados com o outro relacional, de obrigações e ganhos não ditos sempre, mas percebidos e gratificantes, que fortaleciam a confiança e a gratidão dos casais e seus filhos e ampliavam o sentimento de reciprocidade e pertença entre eles, em um exercício cotidiano de dar, receber e retribuir.

Reconhecimento interpessoal e sistema de confiança e segurança ontológica (GIDDENS, 2002) agora atingido pelo “*desatino*” de um “*menino enrabichado*” e em “*dor de paixão*”:

Daí veio o *desatino*, coisa de menino enrabichado por uma dona que o trocou por outro elemento! Bebida e dor de paixão não combinam

nunca, o descontrolo leva sempre ao perigo e aí aconteceu... mas aconteceu com o Arnaldo, que tava lá parado pra convencer ele que deixasse de doideira... mas aconteceu... bum, um tiro na cabeça e lá vai simhora o meu Arnaldo, e lá vai preso, desesperado de culpa o nosso Noézinho...

...Duas famílias que se amavam, que tinham filhos bons, tavam de repente entregues na dor, e na dor pior, na dor de um filho matar o outro, irmão, amigo, próximos até demais, que dava gosto de ver...

O assassinato do filho pelo outro filho, Noé, filho do casal amigo, desabou como “uma rocha em cima de nós...”. Seu raposo relembra a cena vivida a quatro, a cinco, já que Noé fazia parte da tragédia que vitimou o seu filho Arnaldo. Lembra da vergonha enorme (GOULDSBLOM, 2009) nos olhos do amigo Pedro, lembra de como conseguiu força para não desabar e para tomar providências imediatas para controlar e colocar em ordem o desarranjo acontecido na vida de todos eles: Arnaldo, morto, Noé, assassino em desespero e culpa, as mulheres assombradas e angustiadas, e a vergonha do amigo Pedro, que doía no seu olhar, no seu olhar de um pai que acabava de perder um filho e que não tinha forças e não sabia como consolar o amigo, que se sentia fraco e sem vontade, mas que precisava ser forte e ir resolver o que todos pareciam não ter coragem ou pensamento de agir:

A gente, eu, Etelvina, Pedro e Geraldo agora tinha esse desatino, essa caída de uma rocha em cima de nós... Lembro ainda hoje do desespero de Noé ao acordar o pai e a mãe, e a acordarem a gente prá contar o desatino dele e o que ele fez a Arnaldo. Lembro do olhar esbugalhado de Geralda, da cara de espanto de Etelvina, do fim de mundo que parecia tá arrastando Pedro, segurando Noé pela camisa e levando ele para se explicar junto a nós...

Lembro da vergonha enorme nos olhos de Pedro e na vontade de dizer que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto do seu filho Noé prá nós... lembro de ficar sem chão, de não querer entender o que tavam dizendo e acontecendo... mas Deus não deixou, me fez uma fortaleza... disse, onde tá o corpo filho, onde tá o corpo de Arnaldo... diga logo rapaz, a gente precisa saber prá tomar providências... essa atitude parece que deixou todo mundo de novo ligado no que tava acontecendo, e todos nós agiu como se fosse um... botamos o Noé na casa dele, saímos juntos os quatro correndo pro bar do Zé e daí tudo correu como teria que correr... demos banho em Noé, levamos ele prá delegacia, deixamos ele entregue ao delegado, corremos pro IML prá encontrar Etelvina e Geralda e só saímos de lá com o corpo, e daí veio o velório, o enterro e a volta prá casa... onde só o vazio tava presente, e a dor, a dor, a dor que tomava todo o nosso corpo, nossas palavras, nossas vidas...

A ação posta em andamento mobilizou a todos: as mulheres acompanharam o corpo do filho morto até o IML, os homens acompanham o filho assassino até a delegacia onde ficou retido, com um abraço dos dois e um pedido de “seja homem, fique forte e assumo o que fez” dito por Seu Pedro, segundo Seu Raposo. Veio o velório, vizinhos, igreja, sepultamento, retorno para a casa, e com esse final, o vazio instalado. Um grande vazio. As duas casas fechadas, luzes apagadas, silenciosas, cheias de vergonha, de dor, e de incerteza do amanhã.

O que a gente vai fazer agora... me perguntou Etelvina. Apertei a mão dela mais forte e não soube na hora o que dizer... pedi a Deus que me

desse de volta as palavras certas... mas não tinha palavras... chorei junto com a minha mulher...

As luzes do dia começaram a penetrar pelas janelas e pelas frestas das portas. Seu Pedro se levanta de uma noite sem dormir. Faz o café e acorda Dona Geralda: “acorda mulher, temos muita coisa prá fazer hoje”, conta ao pesquisador com os olhos marejados. Descreve que:

Geralda tava arrasada. Não queria levantar, disse que deixasse ela dormir, não queria sair da cama nunca mais... Logo ela que me levantava antes do galo cantar [ri melancólico!]. Puxei ela da cama e disse forte, vem Geralda, nosso filho tá precisando de nós, Raposo e Etelvina tão sós, arrasados com Arnaldinho morto... morto por nosso filho... por nosso filho, mulher! Vem, vamos, sem pitibiribas, que tu num é mulher disso não... Vamos, vamos resolver essas coisas todas, tá um jeito prá ver o que acontece prá gente evitar o pior, que já se instalou na vida da gente todos...

Dona Geralda “deu um pulo da cama”, conta Seu Pedro.

“Arregalou os olhos e disse, tu tá certo meu Pedro, vamos resolver essas coisas toda que estão em buruçu... vamos conversar antes de tudo com os nossos amigos, eles tão em situação pior do que a dá gente, vamo simhora...”.

Dona Geralda narra o episódio acima a partir da hora em que abriram o portão que dava para a casa de Seu Raposo e Dona Etelvina, atravessou o portão com o café pronto na garrafa, abriu a porta da sala e, pela primeira vez, encontrou a porta fechada. Conta que “estremeci...”, voltou devagar até o portão, onde estava vindo Seu Pedro e diz baixinho: “a porta tá fechada, Pedro, qué que a gente faz?”.

Relata que Pedro “foi na frente”, como se ignorasse o que a mulher tinha acabado de falar e bateu na porta gritando: “Raposo, Etelvina, abram a porta, vamos tomar café e conversar, vamos gente de Deus...”. Ninguém respondeu e Seu Pedro bateu de novo e chegou Seu Raposo, abriu a porta devagar e disse, segundo relato de Dona Geralda:

“entra homem, a gente tem que conversar sim, Etelvina tá no banheiro e sai logo... vamos conversar... mas por um longo momento não saiu da porta, seu corpo continuava fechando a entrada, e a gente olhando, sem dizer nada, esperando a, como é que eu digo, gente de Deus, como é que eu digo... sim, a ordem de a gente entrar”.

Recomposição moral e emocional dos vínculos sociais

De acordo com Simmel (1986, p. 369), a [dor] traça uma fronteira ao redor dos homens e caracteriza o idioma das ofensas da [reputação conspurcada] como que afirmando: “você se aproximou demasiadamente”. E indica a distância, que não pode ser transposta sem uma permissão clara. O olhar nos olhos dos amigos, após a situação limite, que causou um óbice na vida de cada um deles exigiu de cada um uma ação sobre o próprio constrangimento que os impelia ao silêncio e a retirada. A vergonha-desgraça e a perda da fachada presentes em todos como uma nuvem pesada ameaçava o prosseguir as ações desejadas.

Quando Dona Etelvina chegou, ainda todos estavam em suas posições originais: Seu Raposo com a porta aberta, mas trancando com o seu corpo a entrada, o casal Dona Geralda e Seu Pedro com uma garrafa térmica e uma bandeja nas mãos esperando para entrarem em casa. Ela olhou a cena e disse: “Sai da porta Raposo, deixa o povo entrar!”.

Isso doeu no meu peito [diz Dona Etelvina, olhando para Seu Pedro, quase a chorar]. Nunca a gente foi tratado assim pelos nossos amigos, e ainda mais ser tratado de ‘o povo’! Deu vontade de correr de volta prá casa, vi que Pedro também tava quase desistindo, mas aí Raposo saiu da porta e com a mão convida prá gente entrar e diz: ‘entra aí gente, vamos por a conversa em dia que o dia hoje vai ser longo demais...’.

O estranhamento medrava as relações nesse primeiro momento de encontro após a tragédia. O silêncio “se fazia ouvir”, na expressão do Seu Pedro. Todos entraram e tomaram posições na mesa. A bandeja e a garrafa térmica foram postas sobre a mesa, ninguém ousava sair para pegar a louça e se servir. Todos olhavam para dentro de si, ensimesmados e com receio de/do olhar o/do outro. Todos pareciam se desconhecer, todos pareciam querer ir embora dali, mas todos permaneciam em torno da mesa, sentados e em silêncio.

De acordo com Dona Etelvina, “parece que se passaram horas e todos mudos, quietos, olhando prá baixo e pros lados. Ninguém querendo encarar ninguém...”. Até, segundo Dona Geralda, que a porta se abriu e Rita

emburacou pela sala com o seu barrigão, perguntando, com uma voz triste e chorosa: ‘gente, eu posso ficar por aqui com vocês hoje?’. Parece que veio um raio e atingiu todo mundo. Todo mundo olhou assustado pro lado que a Rita tava, Etelvina levantou depressa, quase se desequilibrando, enquanto a cadeira ia ao chão, correu pro lado dela, beijando e abraçando, pegando na barriga dela e dizendo: ‘minha menina, entre, claro, você fica hoje e o tempo que quiser. A casa é sua. É todo gosto meu e de Raposo tá com você e nosso netinho... ou netinha?... com a gente...né Raposo?!’.

Rita saiu dos braços de Dona Etelvina, seguida por ela, foi até o Seu Raposo e deu um beijo nele, e depois um beijo em Dona Geralda e Seu Pedro. Foi até a cozinha e trouxe pratos, xícaras e talheres dizendo, “oh! povo de Deus, que tá acontecendo que tem comida na mesa e ninguém pegou a louça prá comer? Vamos tomar café, tô com uma fome danada, tô comendo por dez...”.

Seu Raposo, ao relatar esse ‘raio de luz’ vindo através de Rita, ri e diz, foi ela que nos fez retomar a razão. Todos saíram de seu silêncio a conversar sobre o neto ou a neta que ia chegar, e daí ao fato de que o Arnaldo não estaria “em casa, prá ver o netém”.

Outro silêncio ameaçou o ambiente, mas logo quebrado por Seu Pedro dizendo: “amigos, hoje eu e Geralda temos muita coisa prá resolver com relação a Noé que tá na prisão. Vamos levar roupa e alguma coisa prá ele comer, e ir atrás de um advogado, e abraçar ele que deve tá desesperado”. Seu Raposo, ao lembrar este episódio, afirma que tomou um choque de realidade e, sem muito pensar, afirmou: “é isso, amigo Pedro, conte com a gente pro que der e vier...”.

Dona Etelvina relata que essa atitude de Seu Pedro, se de um lado deu “um passo na frente prá gente sair desse desconforto que tavamos sentido da presença dos nossos amigos e vizinhos, como se eles nos ameaçassem com as suas presenças, e pela lembrança de que seu filho, Noé, matou nosso filho, Arnaldo...”, por outro lado, “...me deixou meio que intimidada na situação criada pelas palavras dele... eu tinha que dizer alguma coisa ou fazer alguma coisa... Levantei, me peguei com Rita e olhei prá Geralda e disse... amiga, vem ver os presentes que eu comprei com Raposo prá o netinho... vem Rita, vem Geralda... Então saímos e deixamos os homens a se olharem e a puxar uma conversa...”.

A conversa, segundo os participantes, tratou inicialmente de um grande pedido de desculpas pelo *feito* de Noé, Seu Pedro afirmando que entende a dor e que não tem justificativa possível de um perdão por um ato tão insano. Um cenário de desconforto foi experimentado entre os parceiros, ligando as emoções vividas como parceiros-irmãos-confidentes, e como pais de dois jovens, em uma situação em que um assassinou o outro por motivo banal.

Goffman (2011) trabalhou a visão trágica da interação, chamando a vida social de um “jogo perigoso” e de vulnerabilidades, onde o risco de desencanto se encontra presente a todo tempo, devendo ser habilmente administrado por atores sociais autorregulados para e pelo ritual de interação. Na sua obra desenhou o cenário de embaraço e constrangimento, de vergonha cotidiana, como uma sensação de desconforto experimentada em relações tensionais, assim como as tentativas de salvar a fachada um do outro dos relacionais em jogo interacional.

Como disse Ecléa Bosi (1994, p. 411) “os turnos ‘antes e ‘depois’ bastam para que exista uma memória [individual] e social”. Nesse jogo de salvar a fachada, assim, os parceiros buscam retomar a memória da situação que os fizeram “andar juntos” e tentam reafirmar os valores e as convenções que os uniram até então. Para tal, buscam recriar o elemento do constrangimento e da vergonha atuais como uma espécie de “provação” pela qual a relação tem que passar para ser superada e para ser retomado o processo de amizade, daquele ponto, como uma exigência e uma significação morais para um novo controle e retomada das relações.

No caso específico, Seu Pedro afirma, em seu relato, a “nobreza” do Seu Raposo em dizer que:

... tudo isso é triste demais, prá nós dois, prá nossas mulheres, prá Rita e pro neto que vai chegar... é triste demais... mas não podemos deixar que essa tristeza venha a abafar toda essa coisa que a gente vem construindo há anos... essa nossa amizade... Isso só irá piorar nossas vidas... vai ser mais uma morte nas nossas vidas... Arnaldo não ia querer isso não... Vamos ter que conversar muito, mas muito mesmo sobre essa nossa provação, mas fazer que ela nos uma mais... Aí, levantou-se, me tirou da cadeira, eu já chorando, e me abraçou... Eu me senti abençoado de ter um amigo assim....

Seu Raposo, falando do mesmo tema, diz que a generosidade e a integridade do Seu Pedro “o fizeram agir como homem” e tirar esse estranhamento que teimava em se consolidar da vida deles e retomar a vida juntos. Na narração de Seu Raposo, ela afirma que levantou, deu um abraço no amigo e disse, “vamos agora ao que importa, Pedro, vamos resolver a situação do Noé, é isso que o Arnaldo ia querer... vamos chamar Etelvina e Geralda pra se aprontar e ir com a gente...!”.

Saíram todos juntos para encontrar Noé abatido em uma cela comum da delegacia, esperando a ordem judicial para transportá-lo ao presídio do Róger, onde cumpriu toda a sua pena. Seu Pedro, Seu Raposo, Dona Geralda e Dona Etelvina reconstruíram suas relações, segundo Rita, sempre recheadas por pequenos hiatos, silêncios e interditos, mas, logo que possível conversados entre si, e tornados em novas formas de reconhecimento e de pertença, como uma só família. Contudo, como uma só família com uma marca, que, como todas as marcas sociais precisam ser constantemente lembradas e remontadas como novos signos de aliança onde se reestruturam a confiança a cada dia, e um controle de uns sobre os outros.

Considerações Finais

O assassinato de Arnaldo por Noé assume uma conotação estritamente moral, sem vieses estratégicos ou cálculos racionais de custo-benefício. A racionalidade individualista, neste sentido, falha como chave-analítica para uma leitura compreensiva destes contextos de intensa pessoalidade e copresença em que regimes de gratidão e partilha são tacitamente aliançados.

Trata-se, com efeito, de desentendimento banal entre amigos-irmãos envolvidos em uma situação limite que rapidamente desborda para a tragédia, configurando uma narrativa de falência moral, tragédia e trauma. A banalidade, aqui referida, não exclui a crueldade da violência e a gravidade das suas consequências para a remontagem das formas e conteúdos sociais de uma sociabilidade dada, mas busca chamar atenção para as vulnerabilidades e fragilidades dos espaços interacionais.

A ordem moral, neste sentido, abarca uma normalidade expressivo-comportamental e cognitiva assentada na vergonha cotidiana como giroscópio moral (SCHEFF, 1990 e 2016) do ator social integrado em redes de interdependência. Este giroscópio moral significa a capacidade de embarçar-se e de embarçar o outro relacional no jogo de trocas e monitoramentos recíprocos, em que a vergonha cotidiana assegura o tato e a sensibilidade de cada um para a preservação da fachada como princípio organizador do tráfego social.

O elemento banal dos desentendimentos e dos desenlaces trágicos, como o assassinato de Noé, por sua vez, aponta para a tensão e para a indeterminação de um social sempre arriscado, um “jogo perigoso” e vulnerável. O traço característico das situações de aguda tensão e perturbação da ordem moral e da cultura emotiva de uma sociabilidade dada é a ruptura real ou imaginária da normalidade normativa e emocional, ou seja, trata-se de uma exacerbação das possibilidades de trocas materiais e simbólicas entre os relacionais até a ultrapassagem de seus limites.

A infeliz abordagem de Arnaldo a Noé, em um momento em que este último buscava refúgio para a sua fachada irremediavelmente perdida, não foi capaz de consolar o amigo-irmão, arrastando-o de volta às tensões da normalidade normativa cotidiana, em que a relação linha – fachada do ator social que se desloca pelos mundos sociais se vê constantemente desafiada e ameaçada sem que ele perca por completo o autorrespeito e a autoestima. O comentário de Arnaldo, contudo, potencializou o sentimento de vergonha-desgraça de Noé, que o sentiu como um grave insulto moral e como uma banalização de seus projetos desfeitos e de seu passado digno e promissor no seio familiar-comunitário das duas famílias.

Noé, agora assassino do seu amigo-irmão, reagiu tempestivamente quando Arnaldo, na tentativa de consolá-lo, pediu para que esquecesse a companheira que o traíra e abandonara. Ao afirmar que “toda mulher é assim mesmo”, o argumento de banalidade foi interpretado pelo outro relacional como um ataque violento à sua fachada deteriorada pela vergonha-desgraça, de modo que Noé se movimenta prontamente para realizar o dever sagrado de defender o seu Eu e impor-se no espaço interacional como jogador respeitado e de reputação, não como um otário, ou, na linguagem goffmaniana, como um marca (GOFFMAN, 2014).

A recomposição moral dos vínculos quebrados pela tragédia do assassinato de Arnaldo passa, neste sentido, pelo perdão que as famílias ofertam a Noé em face do desentendimento que desatou o crime fatal. O perdão, entendido como dádiva, não significa o esquecimento do *feito* e da tragédia, mas a ressignificação e remontagem do ato através de uma narrativa de culpa, arrependimento, castigo, luto, reconhecimento, e, sobretudo, de reafirmação de compromissos de reciprocidade com o seio familiar-

comunitário que o acolhe de volta, reabilitando a sua fachada individual no interior do grupo e preservando o seu passado de lembranças na comunidade afetiva.

O perdão a Noé, desta forma, pode ser entendido também como ritual de retomada simbólica da figura de Arnaldo no grupo, e de retomada simbólica e social de Noé a partir da resolução de um drama social de separação, liminaridade e retorno à normalidade normativa (TURNER, 2013 e 2005; VAN GENNEP, 2011). Noé e Arnaldo, como personagens amigos-irmãos, são reconduzidos a uma situação imaginária de reordenamento simbólico do mundo.

O desentendimento banal, no que pese a sua fatalidade, é moral e emocionalmente resolvido pela coletividade no exercício do perdão, não do esquecimento. O perdão se organiza ritualmente, - enquanto reordenamento de memórias comuns e de reconfiguração do sistema de posições sociais e de classificações morais do grupo, - como a ação "... pela qual um grupo desenvolve maneiras de canalizar energias comuns e dedicar o esforço com um senso de determinação moral" (TURNER, 1969, p.7). O perdão, assim, reafirma semelhanças e compromissos de cada um no grupo e do grupo para cada um, mas também impõem silêncios, interditos e hiatos na remontagem moral e emocional dos mundos simbólicos e afetivos que constituem a cultura emotiva daquele núcleo familiar-comunitário.

Neste processo ritual, o Nós Relacional é reafirmado como comunidade de afetos, de sofrimentos e de projetos, em face das vulnerabilidades, riscos e fragilidades próprias do jogo interacional. Mas, sobretudo, como fachada coletiva que regula a interação cotidiana com base em uma cultura emotiva e códigos de moralidade compartilhados.

Referências

- ANSART-DOURLIN, Michèle. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: Stella Bresciane e Márcia Naxara (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: EdUNICAMP, p. 347-365, 2009.
- BECKER, Howard. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis, Vozes, 2012.
- GOFFMAN, Erving. Sobre o resfriamento do *marca*: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 13, n. 39, pp. 266-283, dezembro de 2014.
- GOUDSBLOM, Johan. A vergonha: uma dor social. In: Ademir Gebara; Cas Wouters (Orgs.). **O Controle das Emoções**. João Pessoa: Edufpb, p. 47-60, 2009.

- JASPERS, Karl. **Die Schuldfrage**: Von der politischen Haftung Deutschlands. München: Piper, 1974.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **De que João Pessoa tem medo?** Uma análise a partir da antropologia das emoções. Série de livros Cadernos do GREM n. 06, João Pessoa: Ed.UFPB/Edições do GREM, 2008.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Estilos de vida e individualidade**: Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções. Curitiba: Appris, 2014.
- LÈVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Lisboa: Editora 70, 1986.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, p. 183-314, 2013.
- SCHEFF, Thomas. Desvendando o processo civilizador: vergonha e integração na obra de Elias. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges (orgs.). **Vergonha no self e na sociedade**: sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff. Recife: Ed. Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2016.
- SCHEFF, Thomas. **Microsociology**: discourse, emotion and social structure. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- SIMMEL, Georg. El secreto y la sociedad secreta. In: **Sociología 1**: estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza editorial, p. 357-424, 1986.
- TURNER, Victor. Betwixt and Between: o período liminar nos 'Ritos de Passagem'. In: **Uma floresta de símbolos**: aspectos do Ritual Ndembu. Niterói: EdUFF, 2005, p. 137-158..
- TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2013.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de Passagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.